

BÍBLIA, MIGRAÇÕES E ESPIRITUALIDADE

Anna Fumagalli*

*Missionária secular
scalabriniana.

Resumo:

A reflexão de Anna Fumagalli relaciona de um modo original três temas: temas bíblicos, o fenômeno da mobilidade humana e as aspectos espirituais envolvidas nas atividades pastorais. O sonho de Jacó e Pentecostes são os textos bíblicos que servem de moldura para sua reflexão. Tendo este pano de fundo, ela analisa alguns temas dramáticas do migrar referindo esta temática à Sagrada Escritura (migração e Antigo Testamento, Jesus e os estrangeiros e as primeiras comunidades cristãs): busca da sobrevivência, de sentido, carências, abandono, mas também caminho de vida com sentido, novidade e crescimento e esperanças para a vida.

Palavras-chaves: Pastoral da mobilidade humana; Bíblia: migração; Espiritualidade e Migração.

Abstract:

This Anna Fumagalli's conference puts together in an original way three subjects: some biblical issues, the human mobility phenomenon and the spiritual dimensions deeply involved in the pastoral activities. Jacob's dream and the Pentecost are biblical texts used as a kind of framework to the general subject. With this background she analyses some dramatic issues on the human mobility at large having the Holy Scripture as a lecture key (Migration and the Old Testament, Jesus and the foreigners and this issue related to the first Christian Communities): struggle for surviving, quest for life meaning, needfulness, abandon,

but also meaningful way of life, newness and growth and hope for the life.

Key words: Human mobility pastoral issues; Bible: migration; Spirituality and Migration.

¹ Elaboração de Conferência do II Seminário Latinoamericano sobre Teologia, Migração e Missão e XIV Semana Teológica; ITESP de São Paulo. Tradução: Elaine Cristina Camillo da Silva *mss*

Introdução¹

Quando recebi o programa deste seminário em São Paulo, vocês podem imaginar com quanta atenção comecei a ler! Quando cheguei no tema de quinta-feira, encontrei: *Bíblia, Migrações e Espiritualidade*.

Bíblia – E devo logo dizer quanta gratidão tenho por ter sido enviada a estudar a Bíblia, quando já tinha percorrido alguns anos de caminho na vida missionária. Desse modo, pude levar comigo, nesses estudos, não somente minhas perguntas, minha sede, mas as perguntas e a sede de muitos.

Migrações – Entre nós, vários são os especialistas no tema das migrações, seja nos aspectos das problemáticas mundiais, seja naqueles mais específicos da América Latina! E isso é muito importante: sabemos que estamos tocando uma realidade complexa, que traz consigo a vida de tantos homens e mulheres com suas histórias, situações muito diversas, injustiças terríveis, exploração, problemas e também grandes possibilidades!

E ainda: *Espiritualidade*! E disse: *Oh, não! De espiritualidade tenho dificuldade de falar!*. E vejam que tantos pensam que seja algo que tem a ver especialmente com as mulheres, mais que com os homens. Então, por que tenho dificuldade?

Espiritualidade – sabemos – é um termo muito usado hoje, porém, com os mais diversos significados! O interessante é que esses significados, na maioria das vezes, não são explicitados: cada um entende o termo a seu modo, mais do que isso, muitas vezes, cria-se o próprio significado, aquele que mais agrada, recolhendo aqui e ali, um pouco de tudo!

Nessa situação, é claro que não podemos falar de espiritualidade hoje, se não nos colocarmos, antes de mais nada, algumas perguntas fundamentais: *o que é espiritualidade? e: o que é espiritualidade cristã?* Sem precisar esses termos, o discurso fica muito vago.

É claro que são perguntas que não podemos enfrentar em poucas linhas! Porém, precisamos ao menos nos dar algumas pistas e principalmente manter essas perguntas vivas, dentro de nós!

Na realidade, reconhecemos que se trata de perguntas importantes para nós, para nossa missão, mas também importantes para os homens e as mulheres de hoje, que – através dos mais diferentes percursos (filosofias, psicologias, métodos de meditação, cultos neo-pagãos, etc., etc.) – buscam espiritualidade!

Parece-me muito significativo o título dado a uma série de aulas ministradas por vários professores, anos atrás, na Faculdade de Teologia católica da Universidade de Viena, liderados por um grande pastoralista, Paul Zulehner. O título é *Espiritualidade – mais do que um megatrend*.² A questão é: esta busca difundida de uma dimensão religiosa nas nossas sociedades, atualmente, é somente uma moda passageira ou algo mais? Tem uma sede a ser levada a sério?

É diante dessa situação que temos a responsabilidade de nos perguntarmos: *o que é espiritualidade cristã?* É significativo que na publicação da Ir. Analita Candaten *mscs*, sobre *Espiritualidade de um povo a caminho*, o primeiro capítulo trata da questão: *o que é espiritualidade cristã?*³

Então, falar de espiritualidade cristã é falar de vida, vida segundo o Espírito Santo, vida que se deixa guiar pelo Espírito Santo. E, dado que o Espírito Santo não tem outra missão, outro projeto, que tornar próximo a nós, atual para nós, a vida, morte e ressurreição de Jesus – em outras palavras: fazer crescer o nosso batismo, ou seja, a nossa vida que se torna uma só coisa com a vida de Jesus⁴ – então, falar de espiritualidade cristã significa falar da vida em Cristo, vida de filhos no Filho, ou seja – como para Jesus – vida toda em relação com o Pai e, por consequência, em relação com todos.

Percebemos que a espiritualidade é algo muito concreto: é a concretude da vida, de uma vida *com*, uma vida em aliança: não em primeiro lugar *nossa* aliança com Deus, mas a *sua* aliança conosco.

Portanto, não fé de um lado e vida do outro, não teologia daqui e prática de lá, não oração separada da missão, mas fé e vida, teologia e prática, oração e missão – isso é espiritualidade; antes de tudo, portanto, uma profunda unificação da pessoa! É interessante: podemos ter as mais diferentes opiniões sobre tantas coisas, mas, se formos sinceros, reconhecemos que essa unificação é aquilo que todos, no fundo, desejamos: um desejo, assim, que aproxima profundamente até as pessoas mais diferentes!

De fato, devemos rever nosso modo de pensar!

No nosso modo de pensar, aquilo que é *espiritual* é distante daquilo que consideramos *concreto*... Mas, pelo contrá-

² Cf. P. M. ZULEHNER, (Ed.), *Spiritualität – mehr als ein Megatrend*. Stuttgart: Schwabenverlag, 2004.

³ Cf. A. CANDATEN, *Espiritualidade de um povo a caminho. Elementos para uma espiritualidade no contexto migratório*. http://www.cemcrei.org.br/elementos_da_espiritualidade_e_metodologia_da_pastoral_dos_migrantes.pdf

⁴ Paulo cria alguns termos para poder expressar essa realidade (por exemplo, o termo grego *syn-phytoi* em Rm 6,5).

rio, espiritualidade cristã é algo de muito concreto, que toca a vida e todos os aspectos da vida!

E, ainda, no nosso modo de pensar, diversidade e comunhão se contrapõem: quanto maior a diversidade – espontaneamente pensamos – menor a comunhão, e vice-versa! Porém, lá onde o Espírito Santo é deixado livre para trabalhar, cresce a comunhão e, ao mesmo tempo, tornamo-nos sempre mais diferentes – como no corpo, no qual cada membro faz o seu dom único e insubstituível para o bem de todo o corpo!

Seria terrível se o pé quisesse fazer o que faz o olho, se a mão quisesse ser como a orelha..., mas não é assim! Somente o olho vê, mas seu olhar é para todo o corpo, o pé caminha para todo o corpo. Assim na Igreja: homens e mulheres, famílias e comunidades, vocações diferentes, carismas diferentes, grupos diferentes, cada um com seu dom, a serviço da comunhão, para o bem de todo o corpo: um corpo que é chamado a viver, não para si mesmo, mas para uma missão, para o bem de toda a humanidade.

Com essa consciência, enfrentamos nosso tema em sete pontos. O primeiro e o último são um pouco diferentes dos outros: no início e no final, de fato, nos deteremos sobre uma página da Bíblia.

1. Teve um sonho: Eis que uma escada se erguia sobre a terra (Gn 28,10-22)

É um texto muito conhecido. Geralmente, vamos logo ao conteúdo do sonho, quase não levando em consideração a situação na qual se encontra Jacó, descrita no início do relato, de modo muito sintético (vv. 10-11). É um momento muito duro da vida de Jacó.

A situação de Jacó (vv. 10-11)

Jacó está viajando: uma longa viagem. Tratava-se de percorrer ao menos 1.600 quilômetros a pé, através da Palestina e da Síria, para entrar na Mesopotâmia (atual território iraquiano), para chegar à cidade da qual tinha partido Abraão: Harã, hoje em território turco.

Jacó tem medo: sua viagem – como sabemos – é uma fuga, uma fuga dramática. Foi obrigado a se afastar da própria família e do próprio grupo a causa do conflito com seu irmão, que ele mesmo enganou! E agora, o irmão quer matá-lo. É o drama da luta entre irmãos, que começou com Caim e Abel, e continuará com José e seus irmãos. A Bíblia, desde as primeiras

páginas, não esconde a situação na qual nos encontramos: não sabemos viver como irmãos. O mais admirável, porém, não é somente esse realismo sobre a situação do homem, mas que a Bíblia, no seu realismo, não redimensiona a meta, a esperança, a confiança que é possível viver como irmãos.

Jacó está sozinho: pelas indicações nos textos, teriam passado ao menos três dias de viagem, já está longe de seus pontos de referência. Por outro lado, a meta ainda está muito distante. Não sabe precisamente onde se encontra. O texto fala de um *lugar*, do qual não se diz nem ao menos o nome (sabermos somente no final do relato), um lugar anônimo, totalmente estranho para Jacó.

Quando chega a noite, encontramos Jacó se organizando para dormir sem nenhum reparo, a céu aberto. No entanto – vamos saber no final do relato – o lugar onde se encontra é próximo de uma cidade: uma situação anormal em uma cultura na qual a prática da hospitalidade tinha um grande valor. Então, na sua situação de fugitivo, Jacó não encontrou ou não pode encontrar acolhida: um detalhe importante para compreender o sentido do que acontece depois.

Em síntese, nos é apresentada uma situação difícil, que não desejaríamos a ninguém, mas aquilo que está para acontecer de algum modo nos sugere que até mesmo a situação mais difícil não deve ser considerada uma situação sem saída. Como veremos, pode-se abrir a perspectivas inesperadas...

O sonho de Jacó (vv. 12-15)

Com o que sonha Jacó? Sonha com uma escada, que une a terra ao céu, uma escada por meio da qual Deus se faz próximo. Da escada, fala-se em somente um versículo (v. 12). Diz-se somente que é percorrida por anjos que sobem e descem. O que quer dizer? Que o céu e a terra estão bem unidos? É ainda pouco! De fato, a dupla de verbos usados é uma dupla importante, com a qual (não importa a sequência na qual sejam empregados) a Bíblia frequentemente sintetiza a obra de Deus, a liberação de seu povo, a salvação: Deus *desce* para *fazer subir* seu povo do Egito (por exemplo, cf. Ex 3,8). O Deus da Bíblia é um Deus que salva, por isso *desce*, se faz próximo ao homem, para libertá-lo e fazê-lo *subir*. Ele se faz próximo também de Jacó, deste homem que está fugindo porque enganou o irmão, que está em um lugar totalmente estranho e não tem ninguém que o proteja.

Com efeito, Deus se faz próximo e conversa longamente com Jacó (esta é a parte mais longa do relato: vv. 13-15!). Brevemente, podemos dizer: o que Deus faz com Jacó – con

um homem naquela situação – é uma promessa que supera toda expectativa.

A experiência de Jacó (vv. 16-17)

Ao acordar, Jacó antes de tudo expressa a sua surpresa: *Eu não o sabia!* Aquele que para ele era um lugar desconhecido, no qual tinha se sentido sozinho e abandonado por todos, tornou-se um lugar cheio da presença de Deus. E, agora, aquele lugar é reconhecido por Jacó como “uma casa de Deus e a porta do céu”.

São palavras muito significativas, por meio das quais entendemos que a experiência que Jacó fez é aquela de ser acolhido em uma casa, na própria casa de Deus!

Isso será confirmado pelo nome novo que receberá aquele lugar, até então, anônimo: um nome que será para sempre memória da experiência que Jacó tinha feito: Betel, ou seja, *casa de Deus*. Esse é o foco da experiência de Jacó como experiência de saber-se acolhido por Deus.

A resposta de Jacó ao compromisso de Deus (vv. 18-22)

Os gestos de Jacó, narrados como conclusão (uma pedra erguida e ungida com óleo; um nome novo dado ao lugar; um compromisso expresso com um voto) nos dizem que ele levou a sério a experiência que teve e quer recordá-la, quer responder também com seu compromisso.

A escada é Jesus em pessoa (cf. Jo 1,51)

No Evangelho de João, com uma frase que se impõe à atenção (justamente porque aparece de repente, isolada em relação ao resto do relato), Jesus fala de si referindo-se ao sonho de Jacó: *Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem*. E os dois verbos voltam: *subir e descer*.

Aquilo que Jesus diz é: Eu sou a escada em pessoa! Então: o sonho de Jacó se realizou de modo definitivo, a acolhida de Deus para com o homem tem um rosto concreto: aquele de Jesus. É ele que com a sua vida – uma vida toda por nós – revelou a medida dessa acolhida da parte de Deus: uma acolhida sem medidas.

Se estamos participando deste seminário, significa que nos preocupamos com a acolhida do outro, principalmente de quem é estrangeiro. Justamente, perguntamo-nos sobre nossa acolhida do outro. Mas a experiência de Jacó nos coloca na pista do segredo que pode nos tornar capazes de aco-

lher, e de acolher sempre, a todos: a alegria de nos sabermos, antes de tudo, pessoalmente acolhidos por Deus.

Até aqui, o relato do sonho de Jacó: são somente algumas observações que nos confirmam que vale a pena abrir a Bíblia.

2. A água, a sede, os canais

Temas ligados à experiência do migrar – isto é, partir da própria terra, viver como estrangeiro, fechamento e acolhida em relação ao estrangeiro, medo e estima pela diferença, etc. – são familiares para a Bíblia, da primeira à última página! Poderíamos tentar fazer uma lista: Quantas histórias, personagens, leis, imagens, experiências, reflexões, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento! Portanto, podemos dizer: a água tem, e tem em abundância!

Porém, não basta que exista a água, é preciso também encontrar quem tenha sede! De fato, hoje, a sede existe! O fenômeno das migrações, atualmente, suscita muitos questionamentos e, diante da complexidade do fenômeno, – complexidade essa capaz de desencorajar até os mais corajosos – cresce a exigência de poder referir-se a um projeto seguro, de poder compreender as situações e os acontecimentos à luz do projeto de Deus para o mundo.

Encontramos essa exigência:

- antes de tudo, entre os próprios migrantes: muitos deles são homens e mulheres de fé que buscam na Bíblia a luz para seus passos, às vezes pessoalmente, mas frequentemente graças à possibilidade de rezar junto a outros;

Mas pensemos também:

- em tantos cristãos que se dedicam diretamente, lado a lado com os migrantes (por exemplo, tantas organizações cristãs de voluntariado) e que buscam na Palavra de Deus o sentido de seu serviço;

- pensemos nos tantos agentes de pastoral nas várias dioceses do mundo – principalmente aqueles empenhados na pastoral migratória ou na pastoral bíblica, e na sua busca de motivações capazes de reavivar em suas dioceses o sentido da acolhida e da estima por quem é estrangeiro, migrante, em um tempo com uma tendência contrária, no qual cresce o medo e a tentação de se fechar;

- pensemos também em tantos estudiosos no âmbito acadêmico, naqueles que são mais sensíveis e se questionam sobre como colocar sua competência a serviço das problemáticas mais atuais, como a migratória.

A sede, portanto, existe – assim como a água! É necessário trabalhar para que a água e a sede se encontrem! É esse o objetivo entusiasmante que torna precioso o nosso estar aqui, hoje, o objetivo que torna preciosa a dedicação de quem pesquisa, estuda, escreve sobre Bíblia e Migrações!

A Resenha Bibliográfica sobre *Migrações e ciências teológicas*, publicada em 2009 pelo Cserpe de Basel, disponível também *on line*,⁵ mostra, inclusive, que também no campo bíblico temos agora a disposição numerosas publicações: artigos em revistas especializadas, anais de congressos, ensaios, comentários.

Além disso, em junho deste ano, foi publicada no número 178 de *Studi Emigrazione*, a revista do CSER de Roma, uma série de ensaios, fruto do trabalho de vários professores do SIMI. Eles tentaram fazer uma leitura crítica das publicações que temos a disposição nos diversos campos da teologia sobre as diversas temáticas migratórias. Pude trabalhar na parte bíblica, consultando também Pe. Gabriele Bentoglio Cs, que no SIMI é responsável pela disciplina *Fundamentos bíblicos da pastoral da mobilidade humana*.

Dado que esse trabalho foi publicado recentemente,⁶ não vou me deter em apresentar as publicações atualmente disponíveis sobre Bíblia e Migrações. Gostaria, porém, de retomar brevemente três pontos:

- uma anotação positiva;
- uma observação crítica;
- uma possível pista para o futuro.

A anotação positiva:

Muitas das publicações, que hoje temos a disposição, foram solicitadas pelo diálogo entre biblistas e agentes de pastoral, ou seja, entre estudiosos do texto bíblico e aqueles a quem é confiada a preocupação pastoral da Igreja diante do fenômeno migratório! É preciso favorecer e continuar esse diálogo!

Uma observação crítica:

⁵ Cf. G. TASSELLO – L. DEPONTI – F. PROSERPIO, (Eds.), *Migrazioni e scienze teologiche. Rassegna Bibliografica (1980-2007)*. Basel: CSERPE, 2009. <http://www.cserpe.org/Rassegna%20bibliografica2.pdf>

⁶ Cf. A. FUMAGALLI, *Leggere la Bibbia nel contesto migratório. STUDI EMIGRAZIONE*, 2010, 178, p. 291-316.

Infelizmente, devemos reconhecer que, também nos estudos bíblicos, as barreiras linguísticas e culturais fazem sentir seu peso. Existem, por exemplo, válidos estudos em língua italiana e portuguesa, que nunca são citados em publicações de língua alemã ou inglesa. Nessa situação, os congressos internacionais são ocasiões realmente preciosas e devem ser incentivados!

Uma possível pista para o futuro:

Deriva, em parte, das duas observações precedentes, mas se coloca em um horizonte mais amplo, que é este: A interpretação da Bíblia, na Igreja, exige sempre ser acompanhada pelo diálogo entre diferentes âmbitos eclesiais; não pode ser realizado em compartimentos fechados e, muito menos, permanecer como monopólio de um único âmbito, nem somente daquele acadêmico, nem somente do pastoral-institucional.⁷

Também em relação à *Bíblia, Migrações e Espiritualidade*, portanto, é o diálogo que tem de ser intensificado: não somente entre estudiosos da Bíblia e responsáveis da pastoral, mas também entre os próprios estudiosos de diferentes áreas linguísticas e de diferentes escolas. E não somente isso!

O caminho poderá se tornar ainda mais fecundo se crescer também o diálogo entre estudiosos e simples leitores da Bíblia. De fato, de um lado, é urgente que os frutos da pesquisa bíblica sejam colocados a disposição dos fiéis, dos leitores da Bíblia. Ao mesmo tempo, estamos certos que a pesquisa pode se enriquecer quando os estudiosos se colocam em atitude de escuta das perguntas e das intuições que a leitura da Bíblia suscita nos fiéis, seja naqueles que vivem na própria pele a experiência do migrar, seja naqueles que se empenham a favor dos migrantes. Essa escuta pode trazer muitos frutos!

⁷ Para um aprofundamento sobre a necessidade desse diálogo, posso recomendar a tese de doutorado de Ralf Huning, um jovem Missionário Verbita alemão. Cf. R; HUNING, *Aprendiendo de Carlos Mesters. Hacia una teoría de lectura bíblica*. Estella: Verbo Divino, 2007.

3. Algumas anotações de método

3.1 *Bíblia e contexto de vida*

A esta altura, para prosseguir no tema, pedimos ajuda a uma objeção. Sim, porque as objeções atrapalham, são incômodas, mas também... nos ajudam!

A objeção a que me refiro surge quando, na origem de um estudo sobre um texto bíblico (pode ser tanto de tipo científico como no âmbito da leitura popular) existe um interesse específico, no nosso caso, um interesse solicitado por um contexto

migratório vivo, por uma preocupação pastoral, por uma experiência direta de emigração, podendo facilmente acontecer que venham à luz aspectos do texto bíblico que, de outro modo, permaneceriam na sombra (também quando se trata de estudos muito válidos que, porém, não têm esse interesse específico).

Essa disparidade pode nos tornar suspeitosos, desconfiados diante daquelas interpretações que têm como ponto de partida um questionamento particular, por exemplo, ligado a um particular fenômeno social, seja por um interesse histórico do passado seja – como no nosso caso – por uma exigência de atualização da mensagem bíblica.

A objeção, então, seria: a especificidade do questionamento de partida impediria um estudo objetivo?

Tocamos, assim, uma grande questão, que não diz respeito somente ao nexos entre *Bíblia, migrações e espiritualidade*, mas em geral a cada interpretação do texto bíblico. É o desafio que cada contexto de vida traz para a interpretação do texto bíblico.

Provavelmente, muitos entre nós já enfrentamos essa questão em nossos estudos teológicos. Certamente, não é uma questão nova. Temos à disposição muitas publicações a esse respeito. Mas não podemos falar de *Bíblia, Migrações e Espiritualidade* sem considerar essa questão, sem colocá-la sobre a mesa. De fato, queremos evitar trazer conosco – ainda que de modo latente – essa suspeita!

Hoje temos a consciência de que, na interpretação do texto, a neutralidade é uma ilusão! Temos consciência que a leitura – inclusive aquele particular tipo de leitura que é a interpretação – é sempre condicionada pelo contexto de vida de quem lê, mas também pode ser decididamente enriquecida por tal condicionamento – justamente pelo fato que o texto funciona de modo dialógico, na interação com o leitor.

Poderíamos até dizer: não basta ler e interpretar a Bíblia, é preciso ler e interpretar a Bíblia *no contexto de vida*! Isto é: ir ao encontro da Bíblia trazendo conosco os questionamentos sugeridos pelo contexto no qual vivemos, porque são justamente nossas perguntas que permitem aos textos bíblicos expressar toda sua riqueza e atualidade de suas mensagens!

3.2 *Bíblia e história*

É necessário – sabemos disso – ter sempre em mente o caráter histórico do texto bíblico, do testemunho bíblico. Isso traz algumas consequências:

Levar a sério o caráter histórico do testemunho bíblico significa que, mesmo quando temos a urgência de atualizar

a mensagem para nós, hoje, ainda assim é preciso dedicar atenção aos aspectos culturais de um texto bíblico, ao ambiente e à época nos quais teve origem, à sua posição em relação às diferentes etapas da história do povo da aliança, as suas releituras ao longo do tempo!

A esse respeito: A Semana Bíblica realizada no espaço do Pontifício Instituto Bíblico, em 1994, sobre *O estrangeiro na Bíblia*, continua sendo um válido ponto de referência, justamente por sua particular atenção à história e ao cenário cultural dos textos bíblicos.⁸

Levar a sério o caráter histórico do testemunho bíblico significa renunciar à pretensão de uma mensagem homogênea e, ao invés disso, reconhecer e valorizar as diferenças, até mesmo as ambiguidades e as contradições presentes na Bíblia. Ainda em relação ao nosso tema, vem ao nosso encontro não uma visão ideal, não um quadro homogêneo, não uma regra de comportamento, mas a história de um povo, em toda sua realidade! É *dentro dessa história* – nunca podemos nos esquecer disso – que se revelou o projeto de Deus para a humanidade.

No nosso caso, isso significa reconhecer presentes na Bíblia uma lógica da acolhida e uma lógica da exclusão, em um entrelaçamento dinâmico de uma com a outra.⁹

Quando esse entrelaçamento não é considerado, encontramos nos estudiosos duas atitudes opostas: ou se vira rapidamente a página do Antigo Testamento, porque o conceito de eleição – que na Bíblia, muitas vezes, conhece a tentação de ser interpretado no sentido exclusivo – nos traz um mal estar, e então se corre para o Novo Testamento, onde finalmente se abre o horizonte em uma acolhida sem limites; ou, o que seria a atitude oposta: se vê na Bíblia, Antigo e Novo Testamento, um quadro ideal de acolhida ao estrangeiro, seja no âmbito da legislação seja na prática da hospitalidade. Ambas as atitudes, ainda que opostas, esquecem que o projeto de Deus se revela a partir de dentro de uma história, com suas etapas, suas fadigas, seu processo de transformação.

4. A centralidade do tema migratório no Antigo Testamento

O Antigo Testamento – como sabemos – oferece um campo de pesquisa extremamente rico para nosso tema! As publicações à nossa disposição já são numerosas.

É importante notar que os diversos textos e temas podem ser direcionados para dois eixos temáticos principais: não só

⁸ Cf. I. CARDELLINI, (ed.), *Lo 'straniero' nella Bibbia. Aspetti storici, istituzionali e teologici. RICERCHE STORICO BIBLICHE*, (1996), 8, p. 1-2.

⁹ Cf. Th. RÖMER, em 1997: *Le peuple élu et les autres: l'Ancien Testament entre exclusion et ouverture*. Aubonne: Du Moulin, 1997.

a relação com o estrangeiro, mas também o reconhecimento da própria condição de estrangeiro. E, ainda, vale notar que esses dois eixos temáticos estão entre eles profundamente interligados.

Destacamos que não se trata só de um tema presente de modo abundante, mas de um tema central, fundamental para o testemunho bíblico. Pensemos na *história* do povo de Deus – com suas etapas decisivas da saída do Egito e do exílio na Babilônia – e pensemos na *geografia* do povo de Deus, ou seja, à particular posição da Terra prometida; uma faixa de território, um corredor de passagem, de encontro e desencontro entre as grandes civilizações de cada época!

Tudo isso se torna ainda mais significativo se considerarmos que o povo da aliança reconheceu, na saída do Egito, o acontecimento fundante da própria história, o acontecimento à luz do qual compreender tanto a história precedente – de modo especial a experiência vivida pelos patriarcas e suas famílias – como aquela sucessiva – com o retorno do exílio.

Sabendo que poderíamos discorrer durante um semestre sobre *Antigo Testamento e Migrações* sem exaurir o tema; paro por aqui, porque a bibliografia que hoje temos à disposição aborda sobretudo o Antigo Testamento.

5. Jesus estrangeiro – Jesus e os estrangeiros

Quando o estudo bíblico coloca ao centro a figura de Jesus de Nazaré, tem a consciência de se encontrar no centro da revelação do rosto de Deus. Cito um trecho extraído das conclusões do estudo de Gabriele Bontoglio:

*A teologia bíblica coloca em evidência que a revelação de Deus acontece por meio de um ato histórico que contém todas as características do estranhamento, vale dizer que Deus, para se fazer conhecer ao homem, escolhe de fazer-se estrangeiro [...].*¹⁰ O nosso Deus, portanto, é um Deus que, por amor ao homem, fez-se estrangeiro, migrante: deixou sua pátria para vir morar na nossa.

A esse dado fundamental se acrescenta o fato de que os Evangelhos encontraram na categoria do *estrangeiro* uma das categorias apropriadas para apresentar a pessoa de Jesus.

Jesus, na condição de estrangeiro: Logo lembramos de algumas páginas do evangelho: Por exemplo, certamente pensamos no relato da fuga ao Egito (Mt 2, 13-23), na página do juízo universal (Mt 25, 31-46), naquela dos dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35). Mas não se trata somente dessas páginas!

¹⁰ Cf. G. BENTOGGIO, 'Mio padre era un arameo errante...' Temi di teologia biblica sulla mobilità umana. *QUADERNI SIMI*, (2006), 4, p. 221.

Se considerarmos a ligação entre a condição de estrangeiro e questões como a proveniência, a língua e a compreensão, a acolhida e a rejeição, então o campo de estudo se amplia decididamente e descobrimos que em diversos modos os evangelhos se servem da categoria de estrangeiro para apresentar a pessoa de Jesus.

Pensemos na genealogia de Jesus, a qual encontramos no início do Evangelho de Mateus (1,1-17); pensemos naquela cena de Jesus na sinagoga de Nazaré, a sua pátria, uma página muito importante do Evangelho de Lucas (4,16-30); pensemos no tema do mistério sobre a identidade de Jesus ao longo do Evangelho de Marcos, ou também ao tema das origens de Jesus no Evangelho de João; pensemos nos acontecimentos da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Em muitos textos dos quatro evangelhos, portanto, encontramos a categoria de estrangeiro em referência à pessoa de Jesus. Mas em qual sentido Jesus é apresentado na condição de estrangeiro?

Nos estudos, a categoria de *estrangeiro* é, muitas vezes, ligada ao tema da rejeição experimentada por Jesus em sua missão! Ou seja, Jesus torna-se estrangeiro porque é rejeitado! Mas existem também outras hipóteses de estudo, nas quais emerge o uso positivo da categoria de *estrangeiro* em referência à identidade de Jesus, como também à possibilidade de um autêntico encontro com ele.

A esse propósito, tenho que fazer ao menos uma indicação ao estudo de Lucio Cilia, *Jesus estrangeiro entre os seus no Evangelho de João*.¹¹ O autor mostrou que, no Evangelho de João, a condição de estrangeiro referida a Jesus não é primeiramente uma consequência da rejeição, mas uma característica que lhe é própria por causa de sua identidade e que se revela providencial para um autêntico encontro com ele. Em síntese: Jesus é estrangeiro por causa de sua origem e só quem não pretende já conhecê-lo pode verdadeiramente encontrá-lo e pode descobrir nele o verdadeiro rosto do Pai. É uma pista de estudo que merece ser aprofundada.¹²

Se a bibliografia sobre *Jesus estrangeiro* é ainda pouca, até agora, como sabemos, encontrou, por outro lado, muito mais atenção o tema do encontro de Jesus com os estrangeiros: neste âmbito, as publicações são bastante numerosas. Destaco aqui somente um aspecto:

Jesus com os estrangeiros

Sabemos que os encontros de Jesus com os estrangeiros, como os Evangelhos nos testemunham, são poucos.

¹¹ Cf. L. CILIA, *Gesù straniero tra i suoi nel Vangelo di Giovanni. RICERCHE STORICO BIBLICHE*, (1996), p. 233-250.

¹² Cf. A. FUMAGALLI, *Gesù straniero*. In BATISTELLA, G. (Ed.), *Dizionario socio-pastorale sulle migrazioni*, no prelo.

Sabemos que a sua missão é decididamente orientada para o seu povo: essa prioridade, porém, não exclui os outros!

Nesse sentido, o anúncio de Jesus não deixa dúvidas. Pensemos em suas palavras sobre o banquete escatológico (cf. Mt 8,11-12); pensemos em sua apreciação em relação a pessoas do passado, como a viúva de Sarepta e o sírio Naamã (cf. Lc 4,25-27), a rainha do sul e os habitantes de Nínive (cf. Mt 12,41-42; Lc 11,31-32); pensemos em seu encontro com a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30; Mt 15,21-28) ou com o centurião de Cafarnaum (Lc 7,1-10; Mt 8,5-13); pensemos na parábola na qual Jesus coloca ao centro nada mais nada menos que um Samaritano (Lc 10,29-37) ou ainda naquele episódio do único leproso – também samaritano – que retorna para agradecer (Lc 17,11-19).

Os Evangelhos nos testemunham, de modo particular, a coragem e também a simplicidade com as quais Jesus, encontrando os estrangeiros, rompe com as suas próprias coordenadas culturais, supera dentro de si suas resistências iniciais – nem mesmo para Jesus, o encontro com o estrangeiro é algo óbvio, automático – e se deixa envolver.

A memória dessa abertura de Jesus será decisiva para as primeiras comunidades cristãs e para a sua atitude em relação aos não judeus.

6. O testemunho das primeiras comunidades cristãs

Geralmente, somos levados a pensar que o nosso tema seja um tema mais familiar ao Antigo Testamento que ao Novo. Porém, se intensificarmos a nossa busca no Novo Testamento, ficaremos surpreendidos como o tema é tão presente.

Com efeito, para os cristãos de origem judaica, confessar a sua fé em Jesus de Nazaré, o Crucificado ressuscitado, significava logo serem rejeitados por sua própria gente, tornar-se estrangeiros para o seu próprio povo. O Novo Testamento nos testemunha essa experiência dolorosa, que conheceu os tons fortes da polêmica, do conflito violento e da exclusão recíproca. É a experiência de rejeição da parte de seu próprio povo.

Porém, como para Jesus, também para o discípulo a condição de estrangeiro não se esgota na experiência da rejeição, mas toca a sua própria identidade.

Podemos dizer: se aquele que crê, de Abraão em diante, é o homem a caminho, se Deus mesmo se revelou ao longo

da história da aliança como o Deus que caminha com o seu povo e como o Deus que em Jesus se fez ele mesmo migrante, assumindo a nossa condição – tanto mais os discípulos de Jesus que têm a Páscoa como ponto de partida!

De fato, se nos acontecimentos da Páscoa de Jesus o projeto do Pai se cumpriu, por consequência o discípulo de Jesus é aquele que *vive a história* – também dentro de uma cidade como São Paulo com os seus fortes contrastes!!! – na certeza que a realização final é já iniciada e que a meta é uma pessoa que caminha com ele!

Por isso, a sua condição na história é aquela de estrangeiro, ou seja, de alguém que não pode se identificar plenamente com nenhuma situação histórica, com nenhuma época, com nenhuma cultura, com nenhum objetivo alcançado. Essa *distância* torna-se testemunho a se viver dentro da mesma história, dentro das culturas, dentro das expectativas do homem: o testemunho que é possível viver plenamente dentro da história e enfrentar os seus grandes problemas, guiados pela confiança e certeza que a realização já iniciou e colaborar a fim de que essa realização já iniciada com a Páscoa possa vencer toda resistência e preencher a história.

Os desafios que as primeiras comunidades cristãs tiveram que enfrentar não foram menos fortes daqueles que nós, hoje, enfrentamos. Um desafio realmente forte que os primeiros discípulos de Jesus, todos de origem judaica, tiveram que enfrentar foi aquele da relação com *os outros*, os não judeus! Se os primeiros discípulos tivessem respondido a tal desafio com uma atitude de não-abertura, o cristianismo permaneceria dentro das fronteiras do Judaísmo e teria tomado um caminho bem diferente daquele percorrido de fato.

Não se tratava de ser mais ou menos bons, mais ou menos generosos, mais ou menos progressistas. Ao centro estava uma questão fundamental, o Evangelho a ser anunciado. Jesus tinha ou não morrido e ressuscitado por todos? Com ele, o Pai havia ou não oferecido a salvação a todos os homens?

O Novo Testamento relata as resistências, o processo fadigoso e a coragem dos primeiros cristãos diante de tal desafio que os conduzia muito além das suas convicções religiosas e culturais.

A propósito do processo fadigoso desse percurso, é interessante o destaque dado por Augusto Barbi sobre o encontro entre Pedro e Cornélio, narrado em At 10,1 – 11,18:

A narração de Lucas se esforça, sobretudo, em tirar os preconceitos que um judeu poderia ter em relação a um estrangeiro pagão, apresentando Cornélio como um homem piedoso e de singular religiosidade e moralidade: o primeiro passo para uma acolhida dos pagãos é, portanto, aquele de olhá-los com um olhar livre dos esquemas rígidos e colher o que há de positivo neles. Sucessivamente, um judeu, como Pedro, é ajudado, por meio de uma intervenção divina e da ação do Espírito, a superar as leis de pureza alimentar e o costume de evitar os pagãos impuros para arriscar o encontro pessoal com o estrangeiro Cornélio, no reconhecimento da igual dignidade humana: o encontro humano é, por isso, o lugar no qual as resistências podem se desfazer definitivamente e onde caem por terra os preconceitos culturais e religiosos que distanciam os homens, fazendo espaço à compreensão que, segundo Deus, ‘a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro’ (v. 28). Livre o olhar e vivido o encontro, é possível anunciar um Deus que não faz preferência por pessoas e em Jesus, ‘Senhor de todos’, oferece a salvação a qualquer um que creia [...].¹³

¹³ Cf. A. BARBI, Il migrante/straniero narratore di speranza, *SERVIZIO MIGRANTI*, (2006), 16(2), p. 116-117; A. BARBI, Cornelio (At 10,1 – 11,18): percorsi per una piena integrazione dei pagani nella chiesa. *RICERCHE STORICO BIBLICHE*, (1996), 8, p. 277-295.

A essa altura, faz-se necessário falar do Espírito Santo – e faremos isso nos debruçando sobre o relato de Pentecostes.

7. O evento de Pentecostes (At 2)

A Bíblia nos garante que, nos passos em direção ao outro, o discípulo de Jesus não é deixado sozinho! De modo significativo, os Atos dos Apóstolos se abrem colocando em relevo a necessidade de uma espera: *No decurso de uma refeição com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que aguardassem a promessa do Pai* (At 1,4; cf. também Lc 24,49; At 1,8). A espera se cumpre no Pentecostes! No evento de Pentecostes, de fato, o Espírito Santo se revela como protagonista de uma nova possibilidade de comunicação e de compreensão entre os povos.

Vale a pena olhar mais de perto o relato desse evento em At 2. É sempre muito importante ler e reler os textos, mesmo quando os conhecemos bem. Vou me deter só em alguns aspectos.

É interessante notar que o relato se articula em 3 partes:

- a descrição do evento e a reação das testemunhas (vv. 1-13);
- a interpretação do evento por parte de Pedro e, por consequência, as numerosas adesões entre os presentes (vv. 14-41);
- a descrição da nova comunidade (vv. 42-47).

Em geral, quando se pensa no relato de Pentecostes, só se pensa na primeira parte! É importante, ao invés, ter presente as três partes!

O relato se abre com uma informação cronológica: *Tendo-se completado o dia de Pentecostes....* No entanto, a presença do verbo *completar-se* – um verbo importante nos Evangelhos pelo seu significado teológico (cf. por exemplo Lc 9,51) – sugere que estamos diante de algo mais que uma simples informação cronológica.

Não vamos tratar aqui do elo entre o evento narrado e o Pentecostes judaico em seus desenvolvimentos históricos, mas queremos focalizar nossa atenção no fato que a Festa hebraica das Semanas, conhecida com o passar do tempo como aquela do *quinquagésimo dia*, ou seja, Pentecostes, remete imediatamente à Páscoa e a esse único tempo de festa prolongado.

Não estamos, portanto, no final desse dia festivo (isso é confirmado no v. 15, pelas palavras de Pedro: *é apenas a terceira hora do dia* ou *... são somente nove da manhã!*), mas estamos na conclusão da grande festa da Páscoa, no momento em que a Páscoa traz seu fruto e a promessa se cumpre (cf. 1,4).

O que acontece? O próprio evento é narrado de maneira muito sintética. Essa breve descrição que, apesar de sua brevidade, remete às teofanias bíblicas, faz referência a fenômenos auditivos (v. 2: um ruído, como de um vendaval impetuoso) e visuais (v. 3: línguas como de fogo), imagens por meio das quais se tenta expressar uma experiência difícil de expressar.

Mas logo se diz: *... e todos ficaram repletos de Espírito Santo* (v. 4). Com essas palavras, é explicitado o significado dos fenômenos que estão ocorrendo. Pedro o confirmará, precisando que, agora, é o próprio Jesus ressuscitado, que após ter subido para o Pai, pode derramar o Espírito Santo nos seus (v. 33). Está acontecendo, portanto, algo de único, de novo: são as consequências da Páscoa.

É significativo que o discurso de Pedro começa com uma longa citação do profeta Joel (3,1-5). Os acontecimentos da Páscoa, de fato, dão início aos últimos tempos, a união entre céu e terra é levada ao seu cumprimento. Por isso, agora, o Espírito Santo pode descer com uma plenitude até agora impensável.

O primeiro sinal visível, o primeiro fruto desse novo início, diz respeito à comunicação: *... e começaram a falar em outras línguas.*

¹⁴ Cf. At 10,46; 19,6 e as cartas de Paulo, por exemplo, 1Cor 12-14.

Essa expressão – como já sabemos – leva à discussão. Devemos, talvez, pensar no fenômeno da glossolalia, ou seja, naquele *falar em línguas* de caráter estático, que resulta aos outros incompreensível?¹⁴

O texto, porém, diz claramente que os apóstolos falam *em outras línguas* (cf. v. 4) e que os presentes os compreendem *na sua própria língua* (cf. vv. 6.8 e 11). Não estamos em condição de reconstruir o que aconteceu, mas certamente é graças ao Espírito Santo (v. 4: *conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem*) que os discípulos de Jesus *se exprimem* – é o mesmo verbo com o qual é introduzido o discurso de Pedro no v. 14! – de tal modo que os presentes compreendem: *todos nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus* (v. 11)!

Ao descrever as reações dos presentes, o relato destaca dois aspectos: a grande diversidade dos presentes; sua surpresa e perplexidade. Vou me deter no primeiro aspecto, ainda que os dois sejam importantes.

No v. 5, encontramos uma primeira indicação de caráter geral: *de todas as nações que há debaixo do céu*. Mas isso não basta! Mais para frente, o relato se torna mais lento para apresentar, em detalhes, as diversas proveniências dos *Judeus piedosos* que foram até lá a motivo do barulho. São mencionados três povos, em um primeiro grupo, que nos leva além do limite oriental do império romano (... *Partos, Medos, Elamitas...*), depois um segundo grupo de nove regiões (da Mesopotâmia até a Líbia) e ainda um terceiro grupo que se distingue como *Romanos residentes*. A lista se conclui com ulteriores distinções, uma de caráter étnico-religioso (*Judeus e prosélitos*) e a outra cultural (*Cretenses e Arabes*, isto é, habitantes das ilhas e da terra firme). Testemunhas daquilo que está acontecendo, são, então, os representantes de toda a diáspora judaica, os quais remetem, simbolicamente, a seus diversos povos de proveniência. O relato, então, coloca realmente em destaque a grande diversidade dos presentes!

A possibilidade de comunicar com tantas diversidades se torna um sinal: um sinal para mostrar que, a partir da Páscoa, as diferenças de língua, etnia, cultura não devem ser mais consideradas um fator discriminante (e nem mesmo um acidente de percurso), mas devem ser valorizadas como algo que nos lembra que o projeto de Deus é um projeto de amor que abraça a todos os homens, nenhum excluído. Sim, porque os acontecimentos da Páscoa têm a ver com todos os homens!

A esta altura, seria importante falar de Babel em sua relação com o relato de Pentecostes: uma relação que faz-se necessário repensar! Não podemos fazê-lo aqui, mas destacamos somente um aspecto, capaz de nos mostrar o caminho rumo àquela profunda unificação entre fé e vida, oração e missão, teologia e prática, diversidade e comunhão, das quais falávamos no começo. Em uma palavra, espiritualidade.

O evento de Pentecostes encontrou homens e mulheres à espera do dom de Deus (cf. Lc 24,49 e At 1,4), uma espera que se tornou oração perseverante e unânime (cf. At 1,14).

Nós temos a tendência de considerar a espera como algo passivo! Pelo contrário: pensemos em uma mulher que arruma sua casa porque é necessário arrumar. Pensemos, agora, em uma mulher que arruma sua casa porque alguém muito esperado está para chegar. Faz as mesmas coisas que a outra, toda prestativa, mas: É uma outra coisa!

Então, o evento de Pentecostes encontrou homens e mulheres à espera do dom de Deus! E a espera da primeira comunidade cristã não era, por nada, passiva: prova disso é a prontidão a sair do lugar no qual se encontravam!

É significativo que o relato de Pentecostes termina – depois do discurso de Pedro – com a apresentação de alguns traços característicos da nova comunidade, ou seja, a terceira parte do relato (vv. 42-47). O fruto do Pentecostes, então, é um novo estilo de vida – em poucas palavras: vida toda de comunhão, toda em dar e receber. A certeza que o relato de Lucas exprime, ao colocar justamente nesse ponto a descrição da nova comunidade, é que esse novo estilo de vida não é o resultado de sua conquista, de suas capacidades, mas um dom que deve ser esperado e recebido de Deus.

Se esse é o segredo do Pentecostes, então, compreendemos que não se trata de um evento relegado no passado, mas de um evento sempre de novo possível, lá onde os homens reconhecem que há um dom a esperar e receber.

Conclusão

Nos últimos anos, tive a possibilidade de aprofundar os primeiros capítulos do Gênesis, os relatos da criação, e fiquei impressionada de quanto seja central, naquelas primeiras páginas da Bíblia, de um alcance assim tão universal, o tema da diversidade.

Com efeito, percorrendo a Bíblia, através do fio dos temas relacionados à experiência do migrar, podemos perceber que

não se trata de páginas que se referem somente à situação particular de um grupo de pessoas – os migrantes – ou que interessam somente a quem vive e trabalha em contato com os migrantes, com diferentes culturas, etc. (como se fosse um setor). Pelo contrário, se formos a fundo no estudo dos temas ligados à experiência do migrar, encontramos temas que tocam muito de perto o homem enquanto homem, assim como Deus o pensou desde sempre.

Um exemplo: em Roma uma de nós, missionária secular scalabriniana, médica, em seu trabalho, entre outras atividades, acompanha o estágio de estudantes de medicina, italianos, em um centro de saúde da *Cáritas*, para pacientes estrangeiros. No final do estágio, alguns dos estudantes assim expressaram a experiência que tiveram: *Aprendendo a escutar os pacientes estrangeiros, aprendemos a escutar qualquer paciente*. Penso que essas palavras expressam bem a experiência que podemos fazer também, se formos a fundo no estudo sobre Bíblia, Migrações e Espiritualidade.